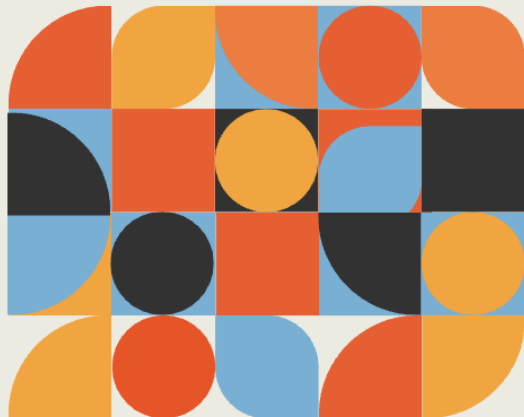




LIVROS DE EXERCÍCIO DE COSTURA: SEU VALOR HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL

Sewing exercise books: their historical, cultural and social value

Lacerda, Beatriz Eurico; Graduanda; Universidade Federal de Juiz de Fora, beatrizelacerda@gmail.com¹

Morgado, Débora Pinguello; Dr.^a; Universidade Federal de Juiz de Fora, deborapmorgado@ufjf.br²

Resumo: Este estudo examina práticas educacionais de costura destinadas às mulheres entre os séculos XIX e XX, compreendendo a costura como tecnologia social de formação de gênero. Os livros de exercício de costura aqui retratados operaram como dispositivos de normatização e reprodução de papéis sociais. Hoje, esses artefatos são ressignificados como registros históricos e produções artísticas, cuja preservação contribui para refletir criticamente sobre as relações entre cultura, modos de socialização e noção de feminilidade.

Palavras-chave: Livro de costura; formação de gênero; papéis sociais.

Abstract: This study examines educational sewing practices aimed at women between the 19th and 20th centuries, understanding sewing as a social technology of gender formation. The sewing exercise books portrayed here operated as devices for standardization and reproduction of social roles. Today, these artifacts are reinterpreted as historical records and artistic productions, whose preservation contributes to critical reflection on the relationships between culture, modes of socialization and notion of femininity.

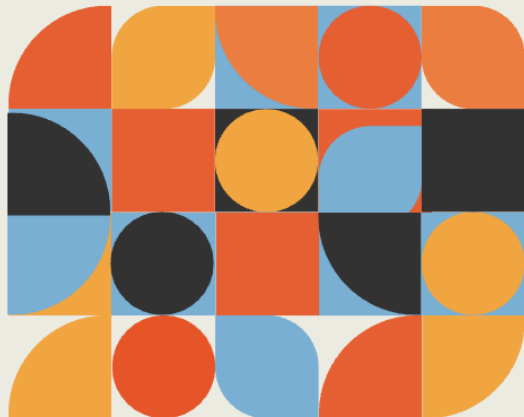
Keywords: Sewing exercise books; gender formation; social roles.

Introdução

Este artigo deriva de um projeto de Iniciação à Pesquisa Artística, que visou refletir, a partir das transformações sociais ocorridas após à Revolução Industrial, os projetos educacionais voltados para a formação das mulheres, os quais estavam fundamentados na ideia de que elas deveriam ser preparadas para o lar, desempenhando funções consideradas apropriadas ao gênero feminino, como o cuidado do marido e dos filhos, e o desenvolvimento de habilidades associadas à sua posição na família e na sociedade. Durante os séculos XIX e XX, os *samplers*, ou livros de amostras, funcionaram como registros detalhados de habilidades e técnicas adquiridas ao longo do tempo, permitindo “acompanhar o aprendizado e o progresso da educanda”

¹ Graduanda do curso Bacharelado em Moda da UFJF.

² Professora do Instituto de Artes e Design da UFJF, atuante nos seguintes cursos: Bacharelado em Moda; Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens; e Especialização em Moda, Arte e Cultura. Doutora em História pela UDESC. Mestra em História e Bacharela em Moda pela UEM. Integrante do Grupo de Pesquisa em História e Cultura de Moda.



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

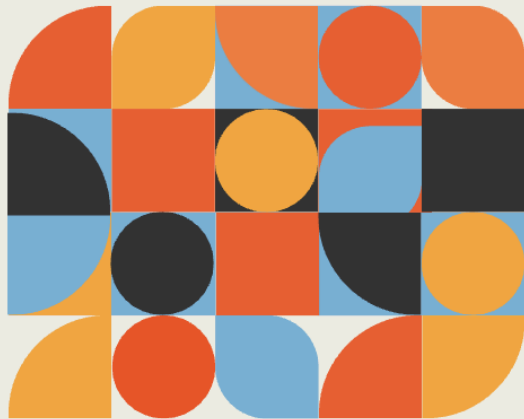
(Carvalho, 2017, p. 126). Hoje, esses livros são registros históricos que oferecem uma visão das práticas educacionais passadas e dos trabalhos sobre tecido ao longo do tempo.

Tendo em vista os aspectos destacados, este trabalho tem como objetivo abordar as relações entre a produção dos cadernos de costura e a educação de mulheres - brancas, das elites e classe média -, que se deu especialmente no século XIX até meados do século XX. Desta relação educativa, objetiva-se ainda encontrar os pontos de resistência e de manifestação individual em contextos de subjugação da mulher no que tange ao papel exercido por este grupo. Compreende-se que a costura e os trabalhos têxteis proporcionaram e proporcionam um campo de potencialidades artísticas e reflexivas acerca da própria relação das mulheres com o mundo.

Quanto à metodologia, será utilizada a Abordagem Triangular, criada por Ana Mae Barbosa, que está baseada em três eixos norteadores de ensino-aprendizagem: a apreciação/leitura/fruição, a contextualização e o fazer artístico - este que se deu na elaboração própria de um caderno de costura. Serão consultadas bases teóricas que forneçam entendimento acerca dos livros de exercício de costura e seus desdobramentos no contexto social no qual estavam inseridos. Dessa forma, surgem como referências para o estudo os autores: Bourdieu (1979; 2007), Calanca (2008), Simioni (2007), Perrot (2015), Morgado (2018; 2021), Figueredo (2022), Goebel (2024), Frasuete e Simili (2017), Lopes (1991) e Malta (2015).

Educação feminina e formação de gênero

A prática de costura e bordado foi central na educação feminina entre os séculos XIX e XX, enfatizando a necessidade de cooperação com o gênero masculino e consolidando valores sociais de obediência, altruísmo e docilidade (Lopes, 1991). O ensino dessas técnicas visava preparar as mulheres para o ambiente doméstico, onde a criação de enxovais e peças decorativas para o lar se tornava uma expressão da sua dedicação ao papel de esposa e mãe. De acordo com Malta (2015, p. 6), “A ideia de aconchego do lar oitocentista, em parte, é devedora dos têxteis domésticos”. Essas práticas eram aprendidas nas escolas e no espaço doméstico, sendo vistas como ocupações que disciplinavam o corpo feminino. A posição de bordar, por exemplo, com a postura curvada, as mãos ocupadas, o corpo estático – com foco na coreografia das mãos, de modo a educar o corpo e ocupar a mente (Pérez-Bustos; Gutiérrez, 2015) – e o olhar baixo, obediente, fixo no trabalho manual (Carvalho, 2017), reforçava a imagem de submissão, delicadeza e rigor que a sociedade esperava da mulher.



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

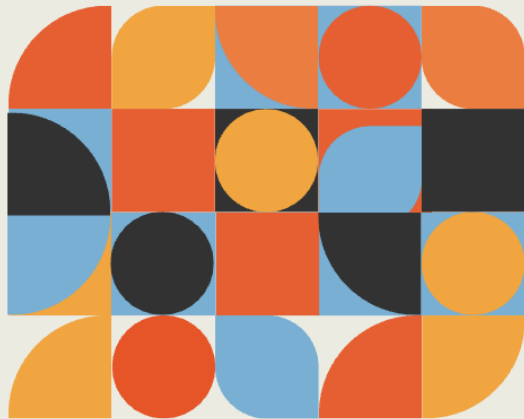
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Essa normatização do comportamento feminino por meio da costura era reforçada por um sistema educacional e familiar que cultivava o silêncio e o recolhimento como virtudes, operando de forma sutil ao promover mecanismos de dominação (Bourdieu, 2007). O fazer manual, aparentemente inofensivo, era um recurso eficaz de construção da subjetividade feminina, moldando-a desde cedo para a aceitação de um espaço social restrito e almejando prevenir a ociosidade, considerada prejudicial à moralidade, pois atrelada à libertação do pensamento crítico e à criatividade, ideais não compatíveis com a noção de feminilidade da época.

Para as mulheres burguesas, as práticas manuais de linha e agulha eram um símbolo de refinamento e virtude, representavam um lazer respeitável e um meio de demonstrar seu status social, já que as peças finamente bordadas em tecidos nobres serviam para decorar o lar e exibir habilidades femininas consideradas valiosas. Em contrapartida, para as meninas órfãs ou de classes populares, a costura e o bordado eram atividades de subsistência, ensinadas para gerar renda e contribuir para o sustento familiar. Logo, meninas de famílias mais humildes aprendiam essas técnicas para atuar no mercado de trabalho como costureiras ou para confeccionar as peças necessárias para suas próprias casas. Ademais, mulheres pertencentes à classe média também usufruíram da costura e do bordado para produzir peças com a finalidade de suprir as demandas do lar (Carvalho, 2017).

Conforme Bourdieu (1979), a família e a escola são esferas do espaço social produtoras e difusoras de disposições culturais, as quais se inserem na noção de *habitus* – simultaneamente herdado e moldado pelo meio social em que o indivíduo está inscrito e naturalizado como inclinação espontânea. Assim, a formação doméstica contribuiu para a perpetuação de estereótipos de gênero, afastando as mulheres das esferas públicas e intelectuais, ao mesmo tempo que escondia o valor artístico e a complexidade técnica dos trabalhos artesanais. Segundo Louro (2004) a experiência escolar de crianças brasileiras envolvia, inicialmente, leitura, escrita, operações matemáticas e princípios cristãos. Contudo, surgiram algumas diferenciações: enquanto os meninos eram introduzidos a conteúdos de geometria, as meninas eram direcionadas para atividades como o bordado e a costura – visto que eram “aptas para trabalhar com os trabalhos manuais [...] do campo da moda e [...] que esses trabalhos poderiam afeminar os homens” (Goebel, 2024, p. 24-25).

Observa-se, portanto, uma delimitação de gênero que atribuía à mulher uma predisposição mais acentuada para o campo da moda em detrimento das artes plásticas. Nesse sentido, como salienta Figueredo (2022, p. 5), a partir da análise de boletins de escolas de arte, era possível notar, em obras femininas e masculinas de mesmo teor, que os adjetivos utilizados eram “‘belo”, “vanguarda” e “futurístico” para descrever



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

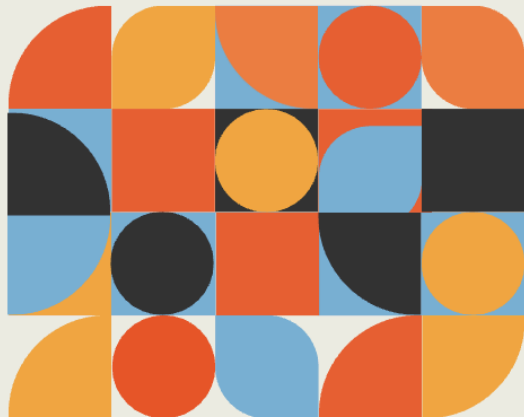
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

trabalhos de alunos homens, e “neurótico”, “diabólico” ou “mediocre” para se referir a obras [...] apresentadas por mulheres”. Visando, conforme supracitado, segregá-las do campo pensante, era “preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma”, já que as noções de feminilidade e saber se anulavam (Perrot, 2008, p. 93). A partir dessa “escolarização do doméstico” (Louro; Meyer, 1993, p. 50), o ensino da costura e do bordado foi implementado em diferentes nações com base em ideais e finalidades convergentes.

Livros de exercício de costura

Os livros de exercício de costura funcionaram como ferramentas educacionais, registros de habilidades manuais e uma pedagogia silenciosa da feminilidade. A prática de produzir um pano de amostra consistia em reproduzir, sobre o tecido, diversos pontos de costura e bordado, entre outras técnicas, muitas vezes acompanhados por anotações manuscritas (e, em alguns casos, bordadas) que indicavam materiais utilizados, modos de execução e padrões decorativos. Ademais, apresentavam designs ornamentais aplicáveis em diversas peças de tecido, utilizados na produção de enxovais, normalmente estilizados com temáticas florais, mostruários de tipografias ou motivos religiosos (Carvalho, 2017). Com amostras de técnicas variadas, esses cadernos eram capazes de nivelar o aprendizado das alunas e revelar o comprometimento com valores considerados essenciais para a formação feminina, além de serem artefatos culturais que refletem o contexto social de sua época e funcionarem como uma espécie de enciclopédia de métodos e processos do fazer manual.

Conforme Carvalho (2017), inicialmente, os *samplers* eram desordenados, com desenhos e pontos preenchendo aleatoriamente o tecido. Com o desenvolvimento industrial e o crescimento da sociedade de consumo, observa-se uma transformação significativa: tornaram-se mais organizados e escalonados, refletindo o avanço dos processos de disciplinamento e produtividade e almejando o progresso da educanda. Os tecidos mais comumente utilizados nessa produção eram o linho – dos mais finos, dificultando a execução – e o algodão, preferencialmente na cor branca (por conta da associação à pureza e da exigência de limpeza e perfeição dos trabalhos, mesmo no avesso dos paninhos). Abaixo, na Figura 1, essa ordenação pode ser vista nas páginas do caderno de exercícios de costura de uma das entrevistadas na pesquisa que orienta este artigo. Trata-se do livro de uma mulher belga, que teve início em 1932 e, hoje, é preservado por sua neta.



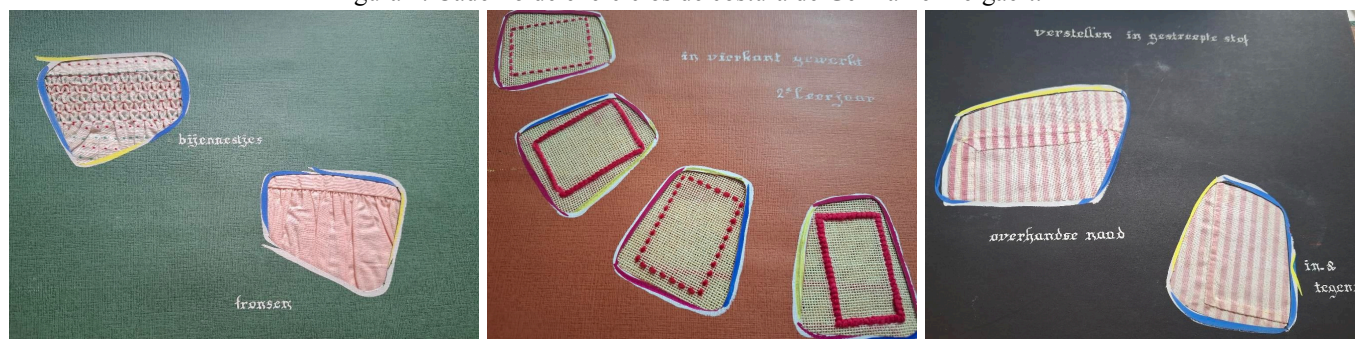
20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Caderno de exercícios de costura de Germaine Mergaert.



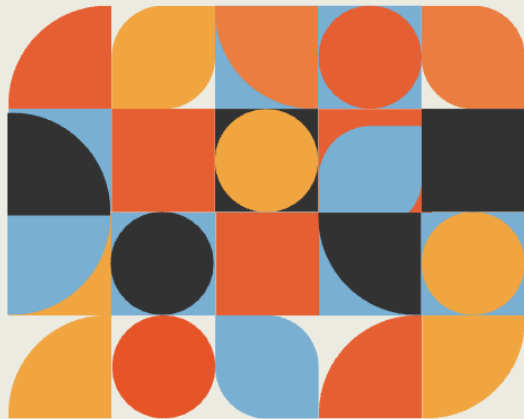
Fonte: acervo próprio, 2025.

Apesar do empenho nos cadernos, os trabalhos de linha e agulha eram comumente descartados (Perrot, 2015) e destituídos de potencial econômico. No entanto, conforme Morgado (2018), podem ser vistos como objetos biográficos, além de proporcionar às mulheres um espaço de socialização. Nesse mesmo sentido, indica Morgado (2021) a respeito do fuxico, que as artesãs podiam conversar enquanto o realizavam, desenvolvendo uma oralidade que passou a representar ameaça à dominância masculina excluída desse circuito de conversas.

Costura como expressão artística e emancipação feminina

Buscando contemplar outras faces do papel que desempenhavam os livros de exercício de costura, salienta-se que esses cadernos podem, também, ser considerados uma forma de as mulheres inventar a si mesmas. Ao compará-los com práticas artísticas, encontra-se nos *samplers* um lugar de liberdade, que poderia coexistir com a autonomia e o poder criativo. No entanto, tais mulheres eram subjugadas à esfera doméstica, tidas como incapazes de se sobressair no campo da genialidade uma vez que eram percebidas como detentoras de uma capacidade intelectual inferior e privadas da habilidade do raciocínio (Calanca, 2008).

Dessa forma, atreladas à uma noção de faculdade mental limitada, “as obras consideradas inferiores na hierarquia dos gêneros artísticos foram sendo associadas às práticas artísticas de mulheres” (Simioni, 2010, p. 5). Assim, produções femininas – ou seja, “menos significativas” em relação às produzidas pelos homens e relegadas ao âmbito do trabalho manual – deveriam ser realizadas em um suporte no qual o corpo feminino se adequasse, que seria a superfície têxtil (Simioni, 2010). Todavia, ao usufruírem dos projetos artesanais que



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

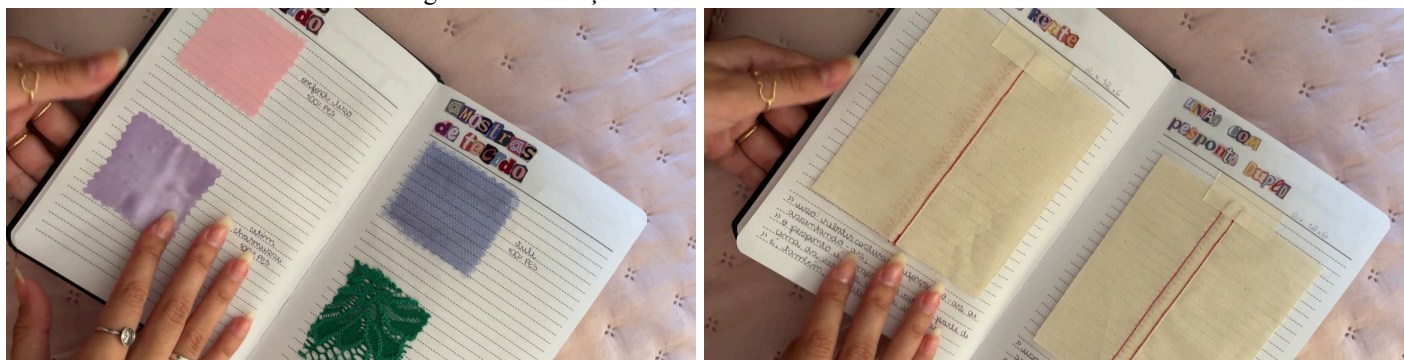
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

desenvolviam na decoração dos lares, as donas de casa estariam, também, “transformando as estruturas às quais estavam submetidas [...] a partir de seus modos particulares de ser no mundo” (Morgado, 2018, p. 64).

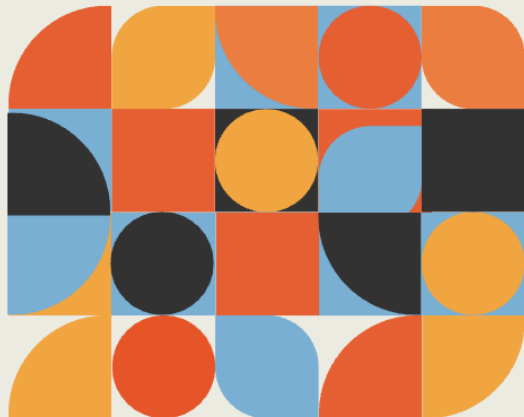
Embora historicamente marginalizadas no campo das artes e destituídas de reconhecimento formal, essa relação de intimidade da mulher com o trabalho têxtil permitiu, mesmo que involuntariamente – já que os livros de amostras foram produtos de um contexto que almejava o comportamento feminino dócil (Frasquete; Simili, 2017) –, a extensão de sua personalidade para o espaço doméstico; onde poderiam, de alguma maneira, depositar suas expectativas, devaneios e transcender a realidade à qual foram condicionadas – como uma espécie de válvula de escape que vai além da posição de fazer manual, elevando-se a uma condição artística. Essa noção hodierna transforma o olhar acerca da produção têxtil, permitindo que essas práticas sejam vistas como formas legítimas de arte e manifestação subjetiva. A costura, portanto, deixa de ser apenas um instrumento de contenção de corpos e passa a ser um meio de libertação simbólica e emancipação feminina, com técnicas que hoje são resgatadas como herança cultural nas criações de diversos artistas contemporâneos.

Com base nessas concepções, foi elaborado, no decorrer do projeto de iniciação artística, um caderno de exercício de costura (Figura 2) que, além de ampliar o repertório de costura de sua produtora – repertório este que servirá à exploração criativa de projetos em moda – serviu de referência para a oficina ministrada como resultado do projeto, em que mulheres se reuniram para conversar e costurar, ampliando os seus conhecimentos sobre as práticas da moda e construindo relações afetuosas entre si.

Figura 2: Elaboração de caderno de exercícios de costura.



Fonte: acervo próprio, 2025.



Considerações finais

Este artigo investigou os livros de exercício de costura, à luz de sua relevância histórica, social e cultural, como práticas educacionais voltadas à formação de mulheres entre os séculos XIX e XX, compreendendo tal fazer manual como um mecanismo de construção de gênero – artefatos esses que, por um lado, atuaram como instrumentos de normatização e, por outro, como espaços de manifestação subjetiva e resistência simbólica. Para tanto, a utilização da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa no processo metodológico, articulando leitura, contextualização (apreciação) e a elaboração de um caderno de costura próprio (fruição), funcionou como recurso investigativo e meio de reapropriação criativa e pedagógica dessas técnicas. Dessa forma, a produção manual foi compreendida não apenas como um método, mas um saber transmitido entre gerações, revelando valores culturais, afetivos e formativos. Além disso, este trabalho reconhece nos cadernos de costura um arquivo sensível de vivências e saberes que deixam de estar restritos ao espaço doméstico para serem reconhecidos como registros autobiográficos e formas legítimas de conhecimento. Por fim, a oficina realizada a partir desse processo possibilitou encontros coletivos entre mulheres, promovendo valiosas trocas de experiências e resgatando o caráter relacional desse costume. Assim, a costura é reavivada como uma ferramenta que, embora historicamente disciplinadora, transforma-se em maneira de expressão e emancipação feminina.

Referências

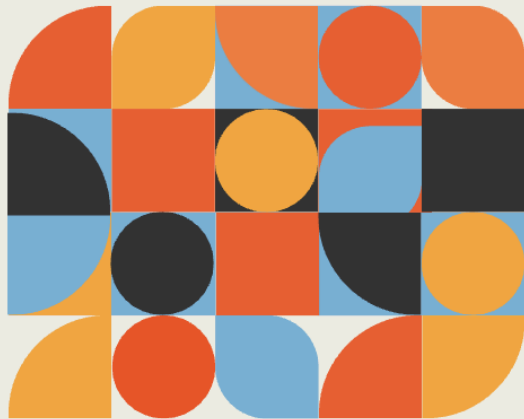
BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. SP: Editora SENAC, 2008.

CARVALHO, Mariana Diniz de. **Educando donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934)**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FIGUEREDO, Henrique. **Fashion Desperados e a geração Sensation: arte, moda e práticas DIY em Londres nos anos 1990**. Revista dObra[s] (Online), p. 64-85, 2022.



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

FRASQUETE, Débora; SIMILI, Ivana. **A moda e as mulheres: práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960**. Revista História Da Educação, Campinas, v. 21, n. 53, p. 267–283, 2017.

GOEBEL, Felipe. **Costureiras e comerciantes de modas: disputas pelo direito de vestir mulheres na Paris do século XVIII**. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 42, p. 324-351, 2024.

LOPES, Eliane Marta. **Da sagrada missão pedagógica**. Tese (Pós-Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary del (org.). História das mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. **A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina**. Cad. Pesq., São Paulo, n. 87, p. 45-57, nov. 1993.

MALTA, Marize. **Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história**. In: Simpósio Nacional de História. 28., 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: ANPUH, 2015, p.1-12.

MORGADO, Débora. **Gaveta adentro: memórias de mulheres nos paninhos da casa**. In: III Congresso Ibero-Americano de humanidades, ciências e educação: Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América, 2018, Criciúma. Anais eletrônicos do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação. Criciúma: EdiUnesc, 2018. v. v. 3. p. 61-72.

MORGADO, Débora. **Domesticidade e consumo: experiências modernizantes nas enciclopédias femininas da Abril Cultural (1967-1973)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Centro Ciências Humanas e Educação, UDESC, Florianópolis, 2021

PÉREZ-BUSTOS, Tânia; GUTIÉRREZ, Sara Márquez. **Aprendiendo a bordar: reflexiones desde el campo sobre el oficio de bordar y de investigar**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 279-308, jul./dez. 2015.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto. 2008.

SIMIONI, Ana Paula. **Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan**. Proa – Revista de Antropologia e Arte (Online). Ano 02, v. 01, n. 02, nov. 2010.